

AS PERSPECTIVAS E O INGRESSO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DE ESCOLA PÚBLICA NO ENSINO SUPERIOR

Maria Eduarda Freitas Silva

Sebastião André Alves de Lima Filho (Orientador)

Resumo

Esse trabalho pretende discutir a forma como os alunos de uma escola pública de ensino médio no interior do Estado têm pensado e vislumbrado as possibilidades de ingresso no ensino superior público, analisando as trajetórias dos alunos que estão cursando o 3º ano, período final dessa etapa de ensino, com a finalidade de compreender como tem sido a preparação, o incentivo e as prerrogativas que fazem com que estes alunos entendam o ensino superior como uma possibilidade de futuro. Ainda, analisamos as trajetórias dos alunos egressos que estão nas instituições públicas de ensino superior (Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) e o Instituto Federal do Ceará (IFCE)). O processo metodológico da pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa. O principal instrumento adotado é a entrevista narrativa (EM) com estudantes concludentes e egressos da escola Almir Pinto. A análise dos dados coletados durante a pesquisa foi feita a luz das teorias sobre trajetórias juvenis no ensino médio de autores como Juarez Dayrell (2007), sucesso escolar tratada por Bernard Lahire (1997), e as teorias que envolvem o contexto educacional das classes populares, discutidas por Pierre Bourdieu (1975) e Paulo Freire (2013). Os estudantes, apesar das dificuldades encontradas em todo percurso de sua vida estudantil nutrem o desejo de prolonga-la ingressando em uma universidade, impulsionados pelo gosto pelo estudo e pela esperança da melhoria da qualidade de vida, sendo esse o aspecto de maior repetição nas falas dos entrevistados. Aqueles que já estão na universidade são reflexo mais nítido disso, e o sucesso deles também inspiram os que ainda estão na escola.

Palavras-Chave: Ensino médio; escola pública; ensino superior.

Introdução

Esse trabalho pretende discutir a forma como os alunos de uma escola pública de ensino médio no interior do Estado têm pensado e vislumbrado as possibilidades de ingresso no ensino superior público, analisando as trajetórias dos alunos que estão cursando o 3º ano, período final dessa etapa de ensino, com a finalidade de compreender como tem sido a preparação, o incentivo e as prerrogativas que fazem com que estes alunos entendam o ensino superior como uma possibilidade de futuro.

Ainda, analisamos as trajetórias dos alunos egressos que estão nas instituições públicas de ensino superior (Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) e o Instituto Federal do Ceará (IFCE)). O intuito é destacar o sucesso escolar desses ex-alunos e a forma como eles decidiram seguir pela continuidade educacional superando as dificuldades e problemas do nosso sistema de ensino, de forma a conhecer como esses jovens desenvolveram mecanismos e estratégias para fugirem da exclusão e da marginalidade a qual são condicionados a permanecer simplesmente por seu lugar de origem.

O campo da pesquisa é a escola de ensino médio Almir Pinto, localizada na sede município de Ocara - CE, na Região do Maciço de Baturité com uma população estimada, em 2015, de 25.261 habitantes. (IBGE, 2015). A escola atende cerca de 979 alunos oriundos de toda a zona urbana e rural, tendo em idade média de 15 a 20 anos. A grande maioria é oriunda de famílias onde os pais são agricultores de baixa renda. A escola divide os alunos por regiões, a grande maioria dos alunos da sede estuda pela manhã. Aqueles que vêm das áreas rurais, no período vespertino ou noturno. (ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ALMIR PINTO, 2018¹)

A escolha dessa escola se da pela experiência que tive quando estudei nela, durante os anos de 2012 a 2014. Experiência marcante em minha vida estudantil, por ter sido durante este período que escolhi a vida acadêmica ao invés de ir do ensino médio direto para o mercado de trabalho. Este processo de escolha é comum a qualquer estudante, sendo necessário que ele tenha o máximo de informações para construir de forma crítica sua percepção das possibilidades de seguimento de vida após o término do ensino médio.

¹ A última atualização do Projeto Político Pedagógico disponibilizado pela escola é do ano de 2018.

O processo metodológico da pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa, pois esta “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013 pág. 70). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, classifica-se como uma pesquisa bibliográfica, pois é “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, materiais cartográficos e internet” (PRODANOV; FREITAS, 2013, pág.54) e pesquisa de campo “como objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos a cerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (PRODANOV; FREITAS, 2013 pág. 59) o principal instrumento adotado é a entrevista narrativa (EM) com estudantes concludentes e egressos da escola Almir Pinto, esta “tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EM é chamado de “informante”) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2019 pág.93).

Esse processo metodológico tem como intuito compreender como estes, dentro do contexto social ao qual estão inseridos, vislumbram as oportunidades de ingresso no ensino superior, perpassando a ideia do quanto é importante que aqueles alunos oriundos de escolas públicas também estejam ocupando os espaços universitários públicos. Também foram realizadas entrevistas com ex-alunos da referida escola que se encontram matriculados nos cursos de graduação de instituições públicas de ensino superior.

A análise dos dados coletados durante a pesquisa foi feita a luz das teorias sobre trajetórias juvenis no ensino médio de autores como Juarez Dayrell (2007), sucesso escolar tratada por Bernard Lahire (1997), e as teorias que envolvem o contexto educacional das classes populares, discutidas por Pierre Bourdieu (1975) e Paulo Freire (2013).

A justificativa desta pesquisa se dá pela importância de compreender os anseios dos jovens que se encontram concluindo a etapa final do ensino básico, no que diz respeito principalmente aos projetos de vida, dando ênfase naqueles que desejam adentrar nas universidades, que enxergam na continuidade da vida educacional uma forma de crescimento pessoal e de sucesso profissional. Esse destaque também se dirige aos estudantes oriundos de uma escola pública do interior, na sua maioria filhos de agricultores, de famílias de baixa renda, que conseguem ultrapassar todas as adversidades, alcançando seu próprio “sucesso

escolar”, e que hoje ocupam os espaços universitários nas instituições federais e estaduais. Tudo isso consiste em dar visibilidade a essas trajetórias de sucesso escolar nos meios populares, como forma de comprovar a importância das políticas públicas de acesso ao ensino superior que vem sendo pautadas nos últimos anos.

Escola e construção de futuro

Pensar a educação e o processo de formação dos jovens quando estes estão prestes a escolher realmente qual rumo será dado as suas vidas só é possível entendendo o que acontece diretamente com estes jovens, dando a eles a liberdade de expressar suas percepções e entendimentos desse processo. Esta expressividade pode ser construída e alimentada dentro da escola, quando os educadores percebem o papel do educando. Paulo Freire (2014, p. 142) em *Pedagogia da autonomia* destaca a importância dessa prática: “a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos”.

Este conceito de educação autônoma também é importante nos estudos de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1975), no sentido da percepção de que a educação esta ligada a estrutura de classes e a formação ideológica da sociedade:

Se não é fácil perceber simultaneamente a autonomia relativa do sistema de ensino e sua dependência relativa à estrutura das relações de classe, é porque, entre outras razões, a percepção das funções de classe do sistema de ensino está associada na tradição teórica a uma representação instrumentalista das relações entre a Escola e as classes dominantes, enquanto que a análise das características de estrutura e de funcionamento que o sistema de ensino deve à sua função própria tem quase sempre tido por contrapartida a cegueira face às relações entre a Escola e as classes sociais, como se a comprovação da autonomia suprisse a ilusão da neutralidade do sistema de ensino (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 204).

O que tanto Freire (2013), quanto Bourdieu e Passeron (1975) inferem, é que nenhum sistema educacional pode ser neutro, até porque seus agentes sociais não podem ser neutros, tanto educandos quanto educadores. Que esta autonomia educacional se baseia na premissa de que como lugar de formação, a escola precisa estar incumbida de que seus alunos sejam sujeitos a ponto de entender as correntes ideológicas que ali estão sendo “impostas” pelas classes dominantes que até então gerem nosso sistema educacional. Isto porque para Bourdieu e Passaron (1975, p. 206):

[...] a instituição escolar é a única a deter completamente, em virtude de sua função própria, o poder de selecionar e de formar, por uma ação que se exerce sobre todo

período da aprendizagem, aqueles aos quais confia a tarefa de perpetuá-la e se encontra portanto na posição por definição a mais favorável para impor as normas de sua autoperpetuação, no mínimo, o fará usando de seu poder de reinterpretação as normas externas.

A escola se constitui, portanto, como uma instituição moderna responsável pela construção do processo socializador do indivíduo, como forma de equalizá-lo e enquadrá-lo nos modelos sociais desejados. E assim sendo, no contexto do ensino médio, esse processo não se dá de forma tão linear, visto que os jovens que constituem essa etapa escolar reagem de forma incisiva nesse processo, como aponta Alves (2017, p. 46):

[...] entendo a escola, instituição também surgida na modernidade, como uma esfera pública de socialização e sociabilidade juvenil, na qual seus sujeitos, ao defrontar-se com uma cultura escolar por vezes homogeneizante e disciplinadora, buscam meios de constituírem-se como atores protagonistas, atribuindo sentidos às suas ações cotidianas, às suas trajetórias de escolarização e às seus projetos de vida.

Paulo Freire (2014) entende que o educador precisa se reconhecer como agente na produção do conhecimento, e como tal, ele tem de incentivar a produção dos alunos e não apenas repassar o conhecimento, como se a prática educativa se resumisse apenas a essa transferência. O educando deve se enxergar como sujeito de seu processo educativo e o educador, deve subsidiar as possibilidades para que este se transforme em sujeito. Tarefa que não é fácil em nosso modelo de “educação bancária”.

Para o aluno de ensino médio, possível ingressante no ensino superior, esse tipo de competência precisa ser afeiçada. Ele precisa ter em seu processo educativo, sua consciência crítica formada para que a educação e o ensino superior possam ser encarados por esses alunos como fator essencial para a inclusão social, e não apenas como formação profissional, que é o fator primordial da reprodução do discurso motivacional direcionado ao estudante do ensino médio, como afirma Krawczyk (2011, p. 757):

o conhecimento também é identificado como o capital mais importante do trabalhador nas novas formas de produção. Assim, o discurso dominante – o político, o empresarial e o da mídia – reforça a ideia de que o ensino médio facilita a inserção no mercado do trabalho.

Esta competência é destacada no projeto político pedagógico como missão da Escola Almir Pinto, a contribuição para formar de forma integral o educando, dando-lhe a possibilidade de acesso de qualidade, “ao saber historicamente elaborado; incentivando-o ao exercício pleno da cidadania a partir da vivência no ambiente escolar de relações autônomas, democráticas, solidárias e de respeito às diferenças.” (ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ALMIR PINTO, 2018) Para esta “missão” alcançar seus objetivos é preciso analisar como a escola trabalha de fato esses pontos. Até onde suas atividades curriculares extraclasses refletem

essa preocupação com a formação crítica do aluno, preconizando o que diz Krawczyk (2011, p. 757) :

“quando os adolescentes que agora estão ingressando no ensino médio realmente aprenderem em sintonia com o mundo em que vivem, estaremos diante de um processo real de democratização do ensino e não simplesmente de progressiva massificação”.

Krawczyk (2011) aponta ainda outra questão bastante pertinente, quando se trata de ensino médio: a forma como é cultural da escola orientar os alunos para o progresso e como essa lógica de tempo é diferente do tempo do jovem e o quanto isso é complexo para que ele entenda essa passagem intermediária, que como etapa escolar, é pensada e avaliada para uma finalidade com uma promessa de futuro:

A escola de ensino médio contém, sobretudo, a promessa de um futuro melhor: integração, inclusão no mercado de trabalho, promessa de autonomia individual etc. Existe claramente uma diferença entre tempos interiores (sentimentos, experiências, emoções) e tempos exteriores. A presença dessas diferentes experiências de tempo (subjetivas e sociais) não é nova, mas a distância entre elas aumenta à medida que as sociedades ficam mais complexas. No passado, a incerteza quanto ao futuro resultava de situações aleatórias e incontroláveis e não fazia parte da posição de cada um na vida. Para a juventude moderna, a relativa incerteza própria de sua idade, somam-se a incerteza e a transitoriedade derivada da variedade de cenários possíveis de futuro e, ao mesmo tempo, da impossibilidade cada vez maior de previsibilidade (KRAWCZYK, 2011, p.764).

Desta forma, é preciso que a escola enxergue esses anseios desses jovens para melhor orientá-los para este progresso que o ensino médio por se só apresenta. Que estas mudanças e incertezas sejam encaradas por eles como desafios a serem superados e não impasses para seu desenvolvimento, profissional, acadêmico e pessoal. Como bem diz Krawczyk (2011, p. 767):

[...] a escola precisa mudar e reencontrar seu lugar como instituição cultural em face das mudanças macro culturais, sociais e políticas e não apenas das transformações econômicas. Uma mudança que não seja uma simples adaptação passiva, mas que busque encontrar um lugar próprio de construção de algo novo, que permita a expansão das potencialidades humanas e a emancipação do coletivo: construir a capacidade de reflexão.

Para pensar em toda essa construção, é preciso dialogar com o jovem aluno que colocado no espaço de sujeito tende a contribuir imensamente na construção de sua própria formação. As percepções desses jovens devem e podem ser expostas para que ele se sinta parte dessa educação, para que seja instaurada a ideia de pedagogia autônoma, que tanto insiste Paulo Freire, e para que se quebre o círculo vicioso de reprodução ideológica das elites dominantes apontado por Bourdieu.

Dessa forma, proponho a reflexão a cerca de como estes alunos, filhos de agricultores, oriundos do sertão do Ceará que vivem praticamente da agricultura de subsistência, podem vislumbrar alguma possibilidade de entrar e permanecer dentro de uma universidade?

Esta possibilidade pode ser facultada, por exemplo, com as políticas públicas, de popularização de acesso ao ensino superior como o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) que ampliou o acesso e a permanência na educação superior, a ampliação ou abertura de cursos noturnos, o aumento do número de alunos por professor, a redução do custo por aluno, à flexibilização de currículos e o combate à evasão (BRASIL, 2007). O REUNI é responsável, por exemplo, pela criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, interiorizando o ensino superior público, fazendo com que filhos de agricultores do interior do Nordeste passassem a ter acesso a esse direito.

Além das políticas de expansão das universidades, peça chave para este novo contexto educacional são as políticas de acesso, programas como o Sistema de Seleção Unificada – SiSU:

Art. 1º Fica instituído o Sistema de Seleção Unificada - SiSU, sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação - MEC, por meio do qual são selecionados candidatos a vagas em cursos de graduação disponibilizadas pelas instituições públicas de educação superior participantes.

§ 1º A seleção dos candidatos às vagas disponibilizadas por meio do SiSU será efetuada com base nos resultados obtidos pelos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, a partir da edição referente ao ano de 2009 (BRASIL, 2010).

O Programa Universidade Para todos – ProUni:

Art. 1º Fica instituído, sob a gestão do Ministério da Educação, o Programa Universidade para Todos - PROUNI, destinado à concessão de bolsas de estudo integrais e bolsas de estudo parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) para estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos (BRASIL, 2005).

E o Financiamento Estudantil – Fies:

Art. 1º É instituído, nos termos desta Lei, o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), de natureza contábil, destinado à concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação, de acordo com regulamentação própria (BRASIL, 2001).

Estas políticas públicas popularizaram o ensino superior, mas o que se vê é que a grande maioria dos alunos que terminam o ensino médio, não está inserida nesse contexto.

Esse problema é bem mais acentuado nas áreas rurais, nas pequenas cidades do interior, onde as grandes universidades não chegam e o ensino básico, oferecido pela rede pública, é extremamente precário. Cabe a nós, pesquisadores sociais questionar quais fatores do contexto educacional sedimentam este contraponto.

Entretanto, de nada adianta todas essas políticas de acesso e iniciativas do MEC se os alunos não se interessarem em fazer proveito delas. Para isto não basta apenas à formação de conteúdo da escola, mas seu intensivo debate sobre a importância de adentrar no ensino superior, principalmente, o público. A escola tem de subsidiar o leque de perspectivas do aluno. Como afirma Ortega (2001, p. 154):

[...] se a escola pública de ensino médio não se preocupar com o acesso ao ensino superior, diante de uma exigência cada vez maior do conhecimento para obter um emprego, poderá estar colaborando para que seus alunos sejam excluídos, e os que já se sentem à margem poderão ver o ensino médio como etapa final da escolaridade e sentir falta de perspectivas de trabalho, sentir falta dos instrumentos necessários para o exercício da cidadania.

Juventudes no contexto educacional

A juventude e os processos que envolvem esse período da vida dos indivíduos passaram a ser estudadas com maior veemência nas últimas décadas, isso por conta das modificações no campo educacional e social que influenciam diretamente na configuração das trajetórias das juventudes, constituindo-se de forma não linear e heterogênea, permeada por singularidades que são difíceis de classificar. Quando pensamos essas juventudes no contexto educacional, percebemos muito fortemente essa falta de linearidade referente às trajetórias, mesmo que envolvam indivíduos que compartilham espaços sociais idênticos.

Ao fazermos uso do termo “juventudes” é preciso ser explicado que o uso do termo no plural se dá pela complexidade de categorizar esse grupo de indivíduos, pois se trata do agrupamento de seres heterogêneos, múltiplos e diversos. Pierre Bourdieu (1983), afirma que a juventude como um objeto sociológico deve ser pensada a partir da sua própria construção ao longo da história, que a sua definição depende muito da época e dos interesses de cada sociedade, que esse conceito vem sendo manipulado, de acordo com o local se espera que a juventude ocupe:

Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos) lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar. (BOURDIEU, 1983, p. 112)

Dessa forma, estudar aspectos dessas juventudes dentro do contexto educacional implica o entendimento de que “trata-se de compreender suas práticas e símbolos como a manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão das mutações ocorridas nos processos de socialização, que coloca em questão o sistema educativo, suas ofertas e as posturas pedagógicas que lhes informam.” (DAYRELL, 2007, p.1107)

José Machado Pais (1990) também apresenta explicações a cerca da concepção do termo “juventude” para a caracterização de um grupo de indivíduos. Para ele, essa caracterização se constitui de forma paradoxal e dual, se constituído a partir de aspectos biológicos e sociais, apresentando-se de forma ora homogênea, ora heterogênea:

a juventude pode ser tomada tanto como uma *unidade* (quando referida a uma fase da vida), como ser tomada no sentido de conjunto social obviamente diversificado. Isto é, no primeiro caso, estamos em presença de um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, principalmente definida em termos etários; no segundo caso, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes. Quase poderíamos dizer, por outras palavras, que a *juventude* ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogêneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogêneo: homogêneo se comparamos a geração dos jovens com outras gerações; heterogêneo logo que a geração dos jovens é examinada como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

E para pensarmos sobre juventudes, precisamos fazer uso de outro termo que seria “condição juvenil”, afinal a ideia de juventude se dá a partir de uma condição passageira na vida de cada pessoa. O que elucidamos a cerca disso tem a ver como a forma que essa condição tem se constituído e se configurado no Brasil, com as novas ordenações simbólicas e com novas práticas sociais estruturadas. Assim a utilização do termo “condição juvenil” se dá através da definição apresentada por Dayrell (2007, p.1108) :

Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

Essas diferenças sociais implicam diferenciações complexas, afinal a vivência juvenil das classes populares não é mesma das classes mais abastardas, assim como a condição juvenil das mulheres também é diferente das dos homens e a dos negros é diferente das dos brancos. A escola que descrevo aqui contempla bastante todas essas especificações no

mesmo espaço, tendo em vista que a pouco tempo era a única escola de ensino médio na cidade, entretanto, destacarei o aspecto de classe dos alunos estudados. Isto por que:

Podemos constatar que a vivência da juventude nas camadas populares é dura e difícil: os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DAYRELL, 2007, p. 1109)

Perspectivas e sucessos dos estudantes de Ocara

Neste tópico me debruço sobre o material coletado nas visitas a escola, no convívio com os estudantes em diversos espaços e momentos no decorrer da pesquisa. Como ex-aluna, eu voltei à escola muitas vezes a pedido da direção e dos professores para palestras, conversas a cerca da vida universitária, bem como atividades voltadas para a preparação dos estudantes para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), também estive na escola desenvolvendo atividades de extensão pelos projetos Áfricas do Joá (Fluxo contínuo, Unilab, entre 2016-2017) e pelo projeto PET Visita-Recebe escolas (PET de Humanidades e Letras – Unilab, no ano de 2018). A partir da minha inserção nesses espaços, e com todo apoio da própria escola – dos professores, coordenadores, diretor e demais funcionários – eu pude perceber no decorrer dos anos o quanto o acesso a universidade vinha se tornando um sonho mais palpável pelos alunos e uma realidade mais incentivada pela escola, situação que eu não vivenciei como aluna, quando pouco ainda se pautava na escola como possibilidade de futuro.

Dessa forma, eu fui construindo relações com os próprios estudantes e quando voltei em 2019, para a realização das entrevistas, eu já possuía não só o conhecimento do espaço, mas também já conhecia o meu público alvo: os estudantes concludentes do terceiro ano que já tinham contato comigo desde o primeiro ano nos projetos de extensão. Assim sendo, eu convidei um estudante de cada turno para participar das entrevistas, para que eu pudesse ter uma pequena visão, pensando também se essa variável interfere nas perspectivas dos alunos.

Os universitários entrevistados foram contatados a partir do banco de dados que a própria escola mantém a cerca dos estudantes que ingressam no ensino superior via SISU, ProUni, Fies ou vestibulares específicos. Busquei conversar com estudantes de instituições diferentes e de cursos diferentes, para ter uma noção das diferentes áreas que os estudantes

optaram como opção de carreira, bem como se deu esse processo de escolha e qual o papel da escola no caminho percorrido até o ingresso na universidade.

A identidade dos entrevistados será preservada. Aos estudantes do ensino médio indicarei apenas a idade, o sexo e o turno que frequentam as aulas. Aos estudantes universitários, indicarei a instituição e o curso que estudam. É importante dizer também que as perspectivas aqui alencadas são apontadas nas entrevistas pelos próprios estudantes, bem como a concepção de “sucesso escolar”, a partir de suas trajetórias e seus planos de futuro, afinal

Não é papel do sociólogo dizer o que é “fracasso” e o que é “sucesso” escolar. Estas palavras são categorias, primeiro e antes de tudo, produzidas pela própria instituição escolar. O sociólogo que interviesse nas discussões para a definição do sentido dessas palavras estaria entrando em uma competição semântica (como um professor ou um “superprofessor”. (LAHIRE, 1997, p.53-54)

Essas noções terminológicas variam de acordo com o contexto histórico e social de cada sociedade. Nesse contexto o que vale é o sucesso individual de cada trajetória aqui apresentada, de acordo com o que é imposto na nossa sociedade atual como sucesso, pensando nas configurações escolares impostas, e nas configurações do mercado de trabalho. Elas não são evidentes, pois dependem do grau de exigência escolar alcançado em uma escala global e individual, para atender principalmente um mercado de trabalho que exige cada vez mais, maiores graus de qualificação (LAHIRE, 1997).

Bourdieu (1975) aponta o fato da escola muitas vezes se esquecer da dimensão dos seus efeitos simbólicos. “A escola, sempre se esquece disto, não é simplesmente um lugar onde se aprende coisas, saberes, técnicas, etc.: é também uma instituição que concede títulos, isto é, direitos, e, ao mesmo tempo, confere aspirações.” (BOURDIEU, 1983, p. 114). Essas aspirações construídas no período escolar refletem as condições sociais dos jovens das classes populares, bem como seus interesses profissionais e a busca por uma ascensão social, que refletem na escolha daqueles que aspiram ingressar em uma universidade, prolongando sua condição de estudante mesmo com a necessidade de ingressar no mercado de trabalho de imediato após o fim do ensino médio. Essa influência direta da escola é mencionada no relato do Estudante do curso de enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), de 24 anos, ex-aluno da escola Amir Pinto, concludente do ensino médio em 2012:

Conclui o ensino médio no ano de 2012, e ingressei na universidade, especificamente na Unilab, no ano de 2015. Antes disso, eu iniciei uma licenciatura

pelo vestibular da UECE em Quixadá, na Feclesc e eu tive muitas oportunidades interessantes no ensino médio, particularmente na minha escola, que eu considero uma das melhores do Maciço de Baturité porque lá eu tive a oportunidade de estudar em um turno, que era o turno da tarde, eu fazia um curso de manhã, e fazia o pré-vestibular a noite. Fora isso, eu sempre tive como objetivo ingressar no ensino superior. Até então a minha vontade era me graduar em licenciatura em história, porque eu gostava muito, porque eu via como oportunidade de crescimento pessoal, não só como ingresso no mercado de trabalho. [...] Foi no ensino médio que eu me descobri melhor em matemática e física do que mesmo na área de humanas e nessa oportunidade que eu tive de fazer o pré-vestibular, em uma das disciplinas eu fiz um teste vocacional, sempre nos tínhamos a visita de alguém que já estava na graduação ou alguém que já tinha uma profissão. Eu lembro que nos recebemos uma engenheira de software e um psicólogo. Foi muito interessante, pois ali a escola estava nos dando oportunidade de decidir o que nos queríamos depois do ensino médio.

Outro aspecto que muito influencia nessa tomada de decisão a cerca das possibilidades futuras ao termino do ensino médio, diz respeito à realidade social que esses jovens vivem. No caso dos jovens de Ocara, estes estão inseridos em um contexto social de uma cidade do interior, que não possui um grande centro comercial, nem parques industriais e nem universidades, criando uma necessidade aparente de sair do município em busca de “futuro”, seja no mundo do trabalho ou em uma universidade. O estudante da Unilab apresenta exatamente esse aspecto quando menciona um de seus incentivos em continuar os estudos:

No caso eu, como filho de agricultor e pobre, eu sabia que só com o ensino médio eu não conseguiria uma melhor ascensão social. Porque infelizmente nos vivemos em um sistema que o dinheiro é que movimenta tudo, então a profissão nos da essa oportunidade de crescimento e a educação e o ensino médio em particular, é a oportunidade que nos temos de entrar para o ensino superior, que o ensino superior vai nos dar uma mentalidade diferente.

A escola é vista pelos jovens de classes populares como veiculo de ascensão social, a educação é algo que eles acreditam que podem buscar para alcançar seus objetivos de vida. E esse aspecto se interliga diretamente com as perspectivas de sucesso escolar que esses jovens possuem, como bem menciona a aluna (1) de 17 anos, do 3º ano do turno da tarde da escola Almir Pinto:

Quando eu ingressei no primeiro ano eu já pensava em fazer uma faculdade, porque a gente sabe que o ensino médio é pra isso, né? Pra gente se preparar para o ensino superior, se preparar para o Enem. E eu quero muito entrar em uma universidade que seja pública porque eu sei que meus pais não vão poder me bancar em uma faculdade particular, eu sou filha de agricultores, eles só trabalham pra sobreviver. Ai eu estou me esforçando muito pra fazer uma boa prova do Enem esse ano. Eu venho me preparando desde o primeiro ano. Eu quero cursar psicologia porque eu já andei pesquisando e eu me identifico muito sabe? E a educação que eu estou tendo agora é importante para o futuro que eu quero pra mim e para a profissão que eu escolhi. E eu sei que aqui mesmo eu não vou ter muitas opções se eu não me agarrar a única coisa que eu tenho, que é meus estudos. E pra mim, sucesso escolar é isso, o meu sucesso vai ser eu sair do ensino médio direto pra uma universidade pública pra estudar o curso que eu quero.

A ideia de que “existe um grupo de estudantes pobres e muito pobres que estão conseguindo ultrapassar as barreiras ao longo de suas trajetórias escolares, ingressar e permanecer nas universidades públicas” (BORI; DURHAM, 2000, p.41) faz necessário o entendimento de como este fenômeno vem ocorrendo e quais as implicações na vida desses jovens e conseqüentemente de suas famílias. Esse fenômeno constitui-se como “sucesso escolar” das classes populares no que diz respeito ao sentimento de realização pessoal em sonhar com a universidade independente da sua condição social, implicando que este aspecto não é definidor de seus futuros, e que um leque de possibilidades se abre quando eles percebem isso, como vemos no relato do aluno de 18 anos, do 3º ano do turno da tarde da escola Almir Pinto:

Eu cresci achando que quando eu terminasse o ensino médio eu teria que ir pra horizonte ou Pacajus atrás de um emprego, porque meus irmãos e meus primos todos trabalham lá. Ninguém da minha família fez faculdade, eu nunca tive interesse nisso. Só que depois que eu já estava no 2º ano, ouvindo os professores e vendo a movimentação da escola com relação ao ENEM, porque todo ano tem os eventos voltados só para isso, tem curso de férias, tem as palestras com universitários, tem as visitas as universidades e tudo isso vai fazendo com que a gente se interesse mais. E eu conheço muita gente que era aluno daqui e que hoje esta no IFCE, na Unilab, na UFC e se eles podem mesmo sendo pobres como eu, eu também posso. [...] Hoje eu penso em cursar administração, logística ou contabilidade, algo nessa área pra eu trabalhar no ramo empresarial, mas eu só tenho essa mentalidade por conta da escola, porque antes de vim pro Almir Pinto eu só pensava mesmo em terminar o ensino médio e ir trabalhar pra ter dinheiro para as minhas coisas e hoje eu sei que não é bem assim.

A escola também é influência na hora da escolha do curso, momento de tensão e conflito pessoal para os alunos, onde a relação deles com as disciplinas e as áreas de estudo se sobressai e para, além disso, a influência dos professores e a necessidade do apoio institucional da escola em acompanhar, aconselhar e ajudar nesse momento de decisão. E esse apoio é cobrado a escola pelos estudantes, que ainda é algo pouco focado pela escola, sendo apontada como possibilidade de melhoria pelo aluno de 18 anos, do curso de estatística da UFC, egresso da escola no ano de 2018:

A questão da escolha do curso foi uma das mais complicadas por que eu não tenho assim uma área definida. Eu não me autodefino de humanas ou de exatas, eu gosto de matemática, de português, eu gosto de praticamente tudo. Isso tudo até por conta do que eu tive no ensino médio, por conta dos meus professores que despertaram cada um, um encanto de cada área, aí por isso que foi complicado definir um curso. [...] chegou o terceiro ano do ensino médio eu tinha certeza que eu queria economia, ciências econômicas. Porque eu queria aliar as duas áreas: a matemática e a historia ou ate linguagens. [...] acabei vindo para a estatística, não por acaso, eu analisei todos os aspectos, desde a remuneração até a questão da valorização no mercado [...]essa duvida com relação ao curso eu compensava com a certeza da universidade que eu queria entrar, porque sempre eu quis ir pra universidade, não sempre, mas desde o ensino médio, porque eu comecei a pesquisar muito, muito, principalmente no terceiro ano e no terceiro ano, no inicio do ano eu já sabia, eu tinha o foco. Eu

não sabia o curso que eu queria, mas eu sabia onde eu queria que no caso era na Universidade Federal do Ceará (UFC). Hoje eu to aqui e uma das coisas que eu percebo assim muito assim, que eu vivi no meu ensino médio é a questão de não ter o apoio da escola com relação a escolha do curso, pros alunos, porque nessa idade de 17, 18 e 19 anos é de muita dúvida e existem aqueles alunos que sabem o que querem fazer da vida, mas dificilmente isso acontece. Então eu acho que esse seja um ponto as escolas públicas não fazem é o direcionamento de carreiras, principalmente para o terceiro ano. Tipo uma das coisas que a escola Almir pinto fez foi fazer viagens com os alunos para conhecer as universidades, no caso ano passado a gente foi pra Unilab em redenção, pra UFC, para o IFCE e pra Unicatolica de Quixadá. Foi importante eu não posso mentir, mas podia ser compensado com algo feito na escola em questão de escolha de curso, eu acho que podia ser dado mais apoio por parte da escola nesse aspecto.

Outro aspecto importante esta ligada a profissionalização desses jovens e o ingresso na vida adulta através do trabalho. “Com efeito, quando a juventude é considerada na sua diversidade, as vertentes de acesso à vida adulta mostram-se bastante flutuantes, flexíveis e elas próprias diversificadas. Por exemplo, poderia supor-se que a posse de um trabalho seria um meio de chegar do lado de lá.” (PAIS, 1990 p. 150) E que essa relação com a escolha do curso superior também está ligada a esta necessidade imediata de trabalho, sendo que alguns desses jovens já exercem algumas atividades junto a suas famílias que implica na necessidade imediata de trabalhar para ajudar nas configurações financeiras familiares. Percebemos isso em relatos anteriores, mas também no relato de uma estudante da escola Almir Pinto, de 19 anos do turno da noite:

Eu quero muito fazer um curso superior em uma faculdade em fortaleza porque eu não quero ficar aqui pra sempre e tem que ser uma faculdade pública, de graça porque eu não tenho como pagar, nem minha família tem. Eu tenho medo de não passar na prova do ENEM, mas eu to me esforçando muito pra passar. Lá em casa todo mundo me incentiva muito, eu tenho um irmão que é professor, mas ele se formou aqui mesmo em Ocara, nessas faculdades de fim de semana, só que ele pagava e ele sempre diz pra mim que eu tenho que estudar muito pra ir pra uma universidade que eu não precise pagar pra estudar e ter alguma chance de ajudar mais minha família. E eu queria muito fazer algo na área da saúde, enfermagem, fisioterapia ou até farmácia porque eu acho que é mais fácil arrumar emprego nessa área. Minha maior dificuldade é estudar em casa porque durante o dia eu ajudo meus pais em uma lanchonete que temos em casa e eu estudo durante a noite. Eu aproveito mesmo é o que a escola pode me oferecer, porque apesar das dificuldades físicas da escola, nós temos professores muito bons que se dedicam muito em dar o melhor pra gente.

Um aspecto que eu não trato diretamente, mas que eu me deparei durante a pesquisa, foi o relato de uma estudante de 33 anos, concludente do ensino médio em 2015, que ingressou no curso de geografia do IFCE em 2019 e que possui uma deficiência visual. Ela destaca emocionalmente a importância da escola na sua inserção social, onde o apoio dos professores e sua relação com a comunidade escolar foram definidoras para que ela conseguisse superar os desafios para realizar seu desejo de estar na escola e de ingressar no ensino superior. É preciso aqui dar destaque não apenas para seu “sucesso” pessoal, mas para

o sucesso e para a importância de políticas públicas voltadas para diversidade e para a inclusão. Em seu relato ela aponta o papel do Atendimento Educacional especializado (AEE) nesse processo:

Eu sou uma pessoa que gosta muito de estudar, então no decorrer do tempo eu me vi cercada por dificuldades por conta do meu problema de visão e por me dizerem que eu não seria capaz, então eu parei de estudar durante dez anos, mas um dia eu senti a necessidade de voltar a estudar [...] nesse período eu enfrentei muita dificuldade, não no aprendizado porque eu sempre fui uma pessoa com facilidade pra aprender, mas o que me dificultou bastante foi a direção do primeiro colégio no fundamental que me queriam colocar em uma turma de EJA² e isso não cabia nas minhas aspirações, nos meus sonhos. E quando eu fui para o Almir Pinto, concluir meu ensino médio foi muito bom, eu encontrei professores maravilhosos e eu tive como apoio o AEE³, que cuida de pessoas com deficiência. [...] eu tive muitos alunos, colegas e professores que me deram muito apoio e foi lá no Almir Pinto principalmente que eu pude abrir as portas da minha intelectualidade e me formar como pessoa também.

Conclusões

Fazer esse trabalho na minha escola de origem foi um grande desafio, pois como pesquisadora eu tive que me despir de algumas concepções que eu havia construído como aluna daquela instituição, principalmente com relação a participação e o incentivo da escola na construção da perspectiva de futuro de cada estudante, pois eu percebi durante toda a pesquisa e principalmente no período das entrevistas que essa relação aluno-escola é muito subjetiva e que cada aluno, cada jovem vivencia essa relação de uma forma muito singular, mesmo compartilhando de alguns pontos em comum.

As trajetórias dos jovens que já estão na universidade revelam de forma bastante nítida os pequenos detalhes dessa relação. As atividades escolares que ajudaram esses alunos em sua preparação para além do que era desenvolvido em sala de aula; a relação de proximidade com os professores; o incentivo e o direcionamento – mesmo que ainda turvo – para o ensino superior que a escola ofereceu, foram alicerces desse processo. Os depoimentos dos estudantes que ainda estão no ensino médio revelam que a relação que eles possuem com a escola também interfere na construção de suas perspectivas. Aqueles que “sempre” sonharam com a universidade, aqueles que têm medo dela apesar de desejar uma maior qualificação

² Educação de Jovens e Adultos

³ Atendimento Educacional Especializado (ver lei 10.098/94)

profissional e aqueles que foram construindo esse desejo pelo ensino superior a partir de suas vivências familiares e escolares. A construção das suas trajetórias estudantis

Implica estabelecer cada vez mais relações entre sua condição juvenil e o estatuto de aluno, tendo de definir a utilidade social dos seus estudos, o sentido das aprendizagens e, principalmente, seu projeto de futuro. Enfim, os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os princípios da motivação e os sentidos atribuídos à experiência escolar. (DAYRELL, 2007, p. 1120)

Assim, é possível identificar também que além dos muros da escola muitos outros aspectos interferem também de forma direta nas escolhas, nos anseios e nas possibilidades de futuro desses jovens. A família que incentiva incisivamente, a família que desacredita – pois isso também serve de impulso algumas vezes, a condição social de pobre que anseia por uma ascensão social, a vontade de sair do interior, da cidade pequena que causa o sentimento de aprisionamento para alguns, e o próprio sistema social que infere uma maior qualificação profissional e educacional para o ingresso no mercado de trabalho para além da mão-de-obra barata.

Os estudantes, apesar das dificuldades encontradas em todo percurso de sua vida estudantil nutrem o desejo de prolonga-la ingressando em uma universidade, impulsionados pelo gosto pelo estudo e pela esperança da melhoria da qualidade de vida, sendo esse o aspecto de maior repetição nas falas dos entrevistados. Aqueles que já estão na universidade são reflexo mais nítido disso, e o sucesso deles também inspiram os que ainda estão na escola.

É preciso lembrar que os relatos não são generalizantes, e que não necessariamente representam a perspectiva da maioria dos alunos, entretanto, busquei aqui trazer a visibilidades dessas perspectivas particulares a cerca do futuro desses jovens. A escola também não é um ambiente de perfeição, os alunos apontam falhas, queixas, sugerem melhorias em alguns aspectos voltados para a preparação e direcionamento daqueles que escolheram a vida universitária, porém eles também destacam boas ações que ajudam direta ou indiretamente nesse processo e que assim, cumpri-se o objetivo desse trabalho de apontar esses aspectos nas trajetórias dos estudantes.

Referências

ALVES, Maria Alda de Sousa. **Juventudes e ensino médio: transições, trajetórias e projetos de futuro**. Curitiba: Crv, 2017. 210 p.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A dependência pela independência. In: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.a, 1975. Cap. 4. p. 187-226.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

BORI, Carolina M.; DURHAM, Eurenice R. (Sup. Geral). **Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro**. Brasília: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, 2000. Disponível em: <http://www.publicacoes.enep.gov.br/resultados.asp?subcat=24> . Acesso em: 10. Jungo. 2019.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. **Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em: 09 maio 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm>. Acesso em: 06 jun. 2017.

BRASIL. Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001. **Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies)**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10260compilado.htm>. Acesso em: 23 maio 2017.

BRASIL. Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. **Programa Universidade Para Todos - ProUni**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111096.htm>. Acesso em: 23 maio 2017.

BRASIL. Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010. **Sistema de Seleção Unificada - SiSU** . 18. ed. Brasília, DF, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2704-sisuportarianormativa2&Itemid=30192>. Acesso em: 23 maio 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" juventudes?: Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p.1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ALMIR PINTO. **Projeto Político Pedagógico**. Ocara, 2017. 83 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 143 p.

JOVCHELOVTCH, Sandra; BAUER, Martin W.. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. Cap. 4. p. 90-113. Disponível em: <<file:///C:/Users/freit/Downloads/bauergaskell%20Pesquisa%20qualitativa%20com%20texto%20imagem%20e%20som.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997. 367 p.

PAIS, José Machado. A condição sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, [s.l], v. 25, n. 1, p.139-165, 1990. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/339225601/A-construcao-sociologica-da-juventude-pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

PRODANOVE, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, Rs: Feevale, 2013. 276 p.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil Hoje. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas (Impresso)**, v. 41, p. 754-771, 2011.